

MURILO RUBIÃO E MACHADO DE ASSIS: UMA APROXIMAÇÃO

MURILO RUBIÃO AND MACHADO DE ASSIS: AN APPROXIMATION

Luciano Penelu Bitencourt Pacheco
Mestre em Literatura¹
Universidade Estadual de Feira de Santana
(luciano.penelu@gmail.com)

RESUMO: Murilo Rubião, contista mineiro, afirmou em diversos momentos um grande apreço pela obra de Machado de Assis, que seria o seu maior mestre. O objetivo do presente trabalho é tentar evidenciar uma aproximação entre as obras dos dois autores. Através dos contos "Viver!", de Machado de Assis, e "Alfredo", de Murilo Rubião, pretende-se, numa análise comparativa, encontrar similaridades estruturais, temáticas e filosóficas, que parecem ter marcado profundamente a produção do autor mineiro.

Palavras-chave: Murilo Rubião. Machado de Assis. Literatura Comparada.

ABSTRACT: Murilo Rubião, a storyteller from Minas Gerais, talked about his great appreciation for the works of Machado de Assis in different occasions. Assis would be his greatest master. This study aims to show a connection between the works of both authors. Through the tales "Viver!", by Machado de Assis, and "Alfredo", by Murilo Rubião, it is intended, in a comparative analysis, to find structural, thematic, and philosophical similarities that seem to have deeply marked the production of the author from Minas Gerais.

Keywords: Murilo Rubião. Machado de Assis. Comparative Literature.

Os poucos críticos que se ocuparam da obra do contista mineiro Murilo Rubião (1916-1991) tentaram também esclarecer o leque de influências e filiações que supostamente são marcantes no autor. A atitude é justificável, uma vez que a estranha ficção de Rubião é praticamente um caso isolado no Brasil. O esforço era o de perceber com quem o autor dialogava. Jorge Schwartz, em *Murilo Rubião: A poética do Uroboro* (1981), fala das ligações entre Rubião e a geração do *boom* hispano-americano, contemporânea ao autor. Davi Arriguicci Jr., em prefácio para o *Pirotécnico Zacarias* (2000), e outros nomes, como Mário de Andrade (1943), apontavam para uma íntima conexão da literatura de Murilo Rubião com o fantástico de Kafka. Tanto uma quanto outra afinidade podem ser verdadeiras: há em Rubião, como em Kafka ou nos hispano-americanos, a opção pelo fantástico, e de um tipo especial. Diferente do que se convencionou no século XIX, estes autores traziam o elemento irreal para dentro do "real". Ocorreu o rompimento das fronteiras da realidade convencional,

¹ Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia

numa tentativa de explorar os absurdos da vida moderna, evidenciando as estranhezas do mundo que tomamos por “realidade”.

As narrativas, simbólicas por excelência, permitem uma infinidade de conexões com autores, filósofos, mitos. Trataremos de um dos diálogos possíveis nos contos de Murilo Rubião. Para tanto, seguiremos as pistas deixadas pelo próprio autor, em entrevista a J. A. de Granville Ponce:

Minha opção pelo fantástico foi herança da infância, das intermináveis leituras de contos de fadas, do Dom Quixote, da História Sagrada e das Mil e uma noites. Ainda: sou um sujeito que acredita no que está além da rotina. Nunca me espanto com o sobrenatural, com o mágico. E isso tudo aliado a uma sedução profunda pelo sonho, pela atmosfera onírica das coisas. Quem não acredita no mistério não faz literatura fantástica. Meus contos devem muito a Cervantes, Gogol, Hoffmann, von Chamisso, Maximo Bontempelli, Pirandello, Bret Harte, Nerval, Poe e Henry James. Mas o autor que realmente me influenciou foi Machado de Assis, talvez meu único mestre (RUBIÃO, 2000, p. 04).

Machado de Assis aparece como o “único mestre” aceito por Rubião. É provável que o realismo deste grande marco de nossa literatura exerceu influência decisiva nos caminhos narrativos de Murilo Rubião.

Para uma análise focada no texto literário, escolhemos o conto “Viver!”, de Machado de Assis, publicado em *Várias Histórias*, de 1896. A narrativa se aproxima em muitos momentos das temáticas e construções estruturais encontradas em Murilo Rubião. No conto, somos rerepresentados à saga mitológica do judeu errante Ahasverus, que afirma ainda no início:

A terra está deserta; nenhum outro homem respira o ar da vida. Sou o último; posso morrer. Morrer! Deliciosa ideia! Séculos de séculos vivi, cansado, mortificado, andando sempre, mas ei-los que acabam e vou morrer com eles (ASSIS, 1959, p. 251).

Nestes termos a personagem medita sobre uma rocha, até a chegada de outro ser divino, Prometeu. Ainda sem se identificar, o semideus afirma que a vida não acabará com Ahasverus: espécie melhor habitará a terra, de onde todo o mal e doença desaparecerão. Ahasverus parece não se importar com tempos vindouros, e reitera o desejo de morrer finalmente, com “a pressa de um homem que viveu milheiros de anos” (ASSIS, 1959, p. 252), enquanto:

Homens que apenas respiraram por dezenas deles, inventaram um sentimento de enfado, *tedium vitae*, que eles nunca puderam conhecer, ao menos em toda a sua implacável e vasta realidade, porque é preciso haver calcado, como eu, todas as gerações e todas as ruínas, para experimentar esse profundo fastio da existência (ASSIS, 1959, p. 252).

A personagem conta que vivia em Jerusalém quando Jesus foi crucificado, e o viu caminhando em direção à morte, da porta de casa. Ao passar, Jesus teria aliviado por alguns instantes o pedaço de cruz que transportava às costas. Diante da cena, Ahasverus empurrou o condenado e ordenou-o que não parasse, até que atingisse a colina fatídica. Então, “uma voz anunciou-me do céu que eu andaria sempre, continuamente, até o fim dos tempos” (ASSIS, 1959, p. 253). Prometeu finalmente se apresenta, e o outro, incrédulo, define o sofrimento do semideus como mero “sonho helênico” (ASSIS, 1959, p. 253). Diante da postura cética do judeu errante, Prometeu leva-o à rocha na qual fora detido a mando de Júpiter, por ter feito “de lodo e de água os primeiros homens, e depois, compadecido, roubei para eles o fogo do céu” (ASSIS, 1959, p. 254). Lá, Ahasverus vê os ferros com os quais Prometeu fora acorrentado por eras, obrigado a testemunhar o diário banquete das águias que cumpriam, a devorar seu fígado, a pena imposta pelo deus.

Ahasverus desacredita de sua própria tradição religiosa, uma vez que Prometeu seria responsável pela criação da vida humana. Afirma: “Aqui devias ter ficado por todos os tempos, agrilhado e devorado, tu, origem dos males que me afligiram. Careci de piedade, é certo; mas tu, que me trouxeste à existência, divindade perversa, foste a causa original de tudo” (ASSIS, 1959, p. 255). Ahasverus apropria-se das correntes e aprisiona Prometeu, que fora solto de seu castigo por Hércules, e agora via-se ameaçado novamente. Ahasverus oferta o banquete divino às águias que os sobrevoavam, uma oferenda do último homem vivo, ao que Prometeu responde ser uma tarefa inútil, pois Ahasverus não poderá furtar-se de seu destino.

A divindade grega afirma que Ahasverus seria agraciado com grandes louros: o outrora condenado era agora um elo entre o mundo dos homens e o mundo eterno, habitado apenas pelos espíritos dos eleitos. Assim, Ahasverus se configuraria como um rei, descansando finalmente, reconhecido em sua grandiosidade. O judeu errante, agora encantado com o discurso de Prometeu, reconhece que “Justa foi a pena; mas igualmente justa é a remissão gloriosa do meu pecado” (ASSIS, 1959, p. 257). Cada

vez mais inebriado pelas belezas relatadas, remove os grilhões do cativo, que complementa o seu discurso afirmando ser Ahasverus superior a Moisés, afinal de contas, a ele será dado o direito de não só ver a terra prometida, mas também de habitá-la. Fechando os olhos, deitando-se, Ahasverus pede que Prometeu coloque uma mão sobre sua cabeça, e que transfira para ele um pouco daquela realidade maravilhosa que está por vir. Assim finaliza-se a narrativa:

AHASVERUS – Não é demais para resgatar o profundo desprezo em que vivi. Onde uma vida cuspiu lama, outra vida porá uma auréola. Anda, fala mais... fala mais... (*Continua sonhando. As duas águias aproximam-se*).

UMA ÁGUIA: Ai ai, deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.

A OUTRA: Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito (ASSIS, 1959, p. 259).

Trazer a narrativa machadiana detalhadamente proporcionará diálogo mais franco com um conto de Murilo Rubião, no qual analisaremos a presença dos mesmos elementos e embates metafísicos encontrados em “Viver!”. O conto de Machado de Assis permite o diálogo entre personagens oriundas de distintas matrizes religiosas. Ahasverus e Prometeu encontram-se, e nenhum dos dois é destituído de veracidade. A fantasia e o mito, quando se cruzam, promovem um tipo muito especial de ficção. Tal prática foi marcante nas narrativas de Kafka e também de Murilo Rubião. Em muitos contos, o autor de Praga utiliza-se de seres mitológicos como o próprio Prometeu, além de Poseidon, Ulisses e outros.

A narrativa machadiana brinca com as maiores tradições culturais do ocidente, e isto não parece distante do que possibilita o próprio mito. De acordo com Levi-Strauss:

Tudo pode acontecer num mito; parece que a sucessão dos acontecimentos não está aí sujeita a nenhuma regra de lógica ou de continuidade. Qualquer sujeito pode ter um predicado qualquer; toda relação concebível é possível (STRAUSS, 2003, p. 239).

A narrativa em questão é iniciada com exemplos de como ambas religiões e deuses podem aplicar castigos terríveis aos homens, e parece evidenciar a amargurada condição humana diante da finitude. Tal prática é marcante na obra de

Rubião, e poder observá-las em uma narrativa machadiana nos permite a aproximação devida entre os dois ficcionistas. O conto de Murilo Rubião que traremos com o intuito do diálogo é “Alfredo”, pertencente ao primeiro volume de contos do autor mineiro: O ex-mágico, de 1947. Como é de praxe em Rubião, o texto é introduzido por epígrafe bíblica, que anuncia a natureza do intento das personagens: “Esta é a geração dos que buscam, dos que buscam a face do Deus de Jacó”, citação dos Salmos bíblicos, capítulo XXIII, versículo 06. Assim, o narrador em Murilo Rubião permite ao leitor que conheça imediatamente o objetivo dos irmãos Alfredo e Joaquim: a busca por algo que traga sentido às suas vidas.

Descendo para o plano da narrativa, encontramos uma sutil diferença quanto ao texto machadiano: aqui é a própria personagem que narra. No entanto, ainda assim, existem inúmeras semelhanças estilísticas, conforme veremos. O relato é iniciado com a seguinte sentença: “Cansado eu vim, cansado eu volto” (RUBIÃO, 2006, p. 20), postura similar à encontrada no Ahasverus de Machado. A vida enfadonha de Joaquim foi subitamente interrompida por estranhos sons que vinham da serra e atemorizavam sua mulher. Joaquim então afirma à esposa que não existem coisas sobrenaturais – o que é importante dentro do universo do autor.

Muito prontamente, Joaquim afirma estar cansado de aguardar que “a fera” (RUBIÃO, 2006, p. 20) o procurasse, então deixa o vale e segue ao encontro da criatura. Com profunda naturalidade, mesmo porque aparentemente já sabia o que poderia descobrir, viu-se diante de um dromedário, com quem tenta dialogar. Não obtendo resposta, interpela-o de maneira mais agressiva: “– e o que faz aí, plantado como um idiota no cimo desta montanha?” (RUBIÃO, 2006, p. 21). Com a pergunta consegue a atenção do dromedário, que responde: “bebo água” (RUBIÃO, 2006, p. 22). Joaquim reconhece ali o seu irmão Alfredo, atormentado como ele, em busca de paz.

Joaquim retorna ao vale puxando o irmão por uma corda, mas ao regressar à casa encontra-se diante de uma esposa que não aceita de modo algum abrigar o dromedário Alfredo. Impossibilitados de ficar, os dois voltam para a serra, cansados e sem rumo. Rememorando o passado, Joaquim nos apresenta à jornada de seu cúmplice, que “também caminhara muito e inutilmente. Porém, na sua fuga, fora demasiado longe, tentando isolar-se, escapar aos homens, ao passo que eu apenas

buscara no vale uma serenidade impossível de ser encontrada” (RUBIÃO, 2006, p. 23).

O narrador nos apresenta às andanças do irmão pelo mundo. Desgostoso do convívio com os homens, Alfredo transforma-se em porco, mas nesta forma continua a lutar com seus semelhantes. Então ele pensou que poderia resolver os seus dilemas fundindo-se em uma nuvem. Mas, pergunta o narrador, “Resolver o quê? Tinha que resolver algo” (RUBIÃO, 2006, p. 24). Consciente da necessidade, assume Alfredo a forma do verbo **resolver**. “E o porco se fez verbo” (RUBIÃO, 2006, p. 24), mas foi obrigado então a resolver inúmeros assuntos, “deixando de solucionar a maioria deles” (RUBIÃO, 2006, p. 24). Não suportando mais tratar de problemas alheios, Alfredo metamorfoseia-se finalmente em dromedário, acreditando “que beber água pelo resto da vida seria um ofício menos extenuante” (RUBIÃO, 2006, p. 24).

Peregrinos esgotados, cada um à sua maneira, os irmãos não encontraram refúgio, e, forçados pela busca que os movia, iniciam ao final da narrativa uma nova jornada por entre vales e planícies. O conto é finalizado da mesma maneira que é iniciado: “Sim, cansado eu vim, cansado eu volto” (RUBIÃO, 2006, p. 24).

Em “Alfredo”, como em “Viver!”, o mote central é a solidão, marca da existência humana. Ahasverus, que atravessou eras, pode conhecer verdadeiramente o *tedium vitae*. Porém, nem mesmo o atemporal judeu resistiu à possibilidade de uma vida posterior repleta de felicidade. Se uma mente milenar é seduzida pela ideia, o que podemos esperar do homem comum? A narrativa de Machado de Assis parece nos dizer que, ainda diante do mais terrível desfecho, a mente humana procura algo para se apegar, tornando mais suave o fardo da condenação iminente. O ambiente árido, desabitado em que se encontravam as duas personagens mitológicas, e o fim inexorável do último dos homens, apontam para a ausência de um socorro metafísico. Machado de Assis, antecipando um Kafka e certamente influenciando Murilo Rubião, relega o homem à sua própria sorte.

Joaquim e Alfredo, modernos Ahasverus, padecem de melancolia existencial. O *tedium vitae*, que segundo a personagem machadiana não pertence ao homem comum, é o sentimento básico que domina o coração dos amargurados irmãos murilianos. Em Machado de Assis, nos parece que o homem retorna no momento final à esperança, ludibriado pelas palavras de Prometeu, que bem podem ser frutos de sua própria imaginação (e não se concretiza em nenhuma salvação). As personagens

de Murilo Rubião, por sua vez, são movidas apenas pelo desconforto de existir. A diferença pode estar apenas no momento da caminhada: os irmãos ainda não chegaram ao final. Importante é que, nos dois contos, não há o abandono da busca. Um propósito maior impede as personagens das duas obras de desistir, de lançarem-se ao vazio. Fica evidente também que tal esperança fica ao cargo apenas das personagens. Não sabemos ao certo o que irá encontrar Ahasverus ao perecer. Ficamos com a impressão de que, na verdade, o Prometeu machadiano surge destituído de seu heroísmo original, e utiliza-se das ferramentas que possui para engabelar o último dos homens, pois não pretendia permanecer ali acorrentado novamente.

Também não podemos prever se os irmãos murilianos encontrarão propósito para a vida que são obrigados a levar. O **absurdo**, termo cunhado pelo pensador e ficcionista Albert Camus, parece ter de alguma maneira brotado nas vidas dos irmãos, e estes, conscientes da falta de sentido do existir, buscam em toda parte significá-lo.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, a lenda de Ahasverus surgiu “no século IV, e apareceu na Europa em 1228, quando um arcebispo da Grande Armênia, visitando a Inglaterra, disse no convento de Saint’Albans conhecer no seu país uma testemunha da paixão de Cristo” (CASCUDO, 1972, p. 476). Segundo a lenda medieval, Jesus teria respondido a Ahasverus, depois de ouvir dele a ordem para continuar andando: “Eu estou indo, mas tu andarás e esperarás até a minha volta” (CASCUDO, 1972, p. 476). O enredo desta crença popular nos parece um pouco diferente em Machado de Assis.

Ahasverus permaneceria vivo até o regresso de Jesus, o salvador da humanidade, mas isto não ocorre no conto. Ahasverus deixa o mundo sem presenciar a glória divina. E somente após a derrocada de toda a espécie humana. Como na narrativa de Murilo Rubião, um deus não é evocado para trazer conforto ao homem, que segue solitário. O elemento religioso surge nestes contos apenas como mote ficcional, e sua presença não se configura enquanto solução.

O narrador machadiano, ao menos o da perspectiva adotada em “Viver!”, parece ter exercido influência decisiva sobre Murilo Rubião. De longe, observador, ele confere feição à narrativa através apenas do que demonstram as próprias personagens. O estilo também é semelhante: a fina ironia, a linguagem apurada, ditam o ritmo de uma narrativa quase poética. Todos os arroubos ficam por conta das

personagens. O narrador é seco (mesmo no conto de Rubião, cuja voz pertence a Joaquim, o personagem mais sóbrio) e pouquíssimas vezes interfere na maneira como observamos as personagens. Quando o faz, é de maneira sutil, como nos “olhos infantis” que Joaquim observa em Alfredo. Sobre o Machado de Assis posterior ao Brás Cubas, de onde surge este enigmático conto, Alfredo Bosi afirma:

Nem ódio nem amor. Lê-se, em Esaú e Jacó, uma confissão de fatalismo (...): “não se luta contra o destino: o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos ou despenhar-nos”. Menos do que “pessimismo sistemático”, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. “Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença” (BOSI, 2006, p. 182).

Assim parece encaminhar-se o destino de Ahasverus, que, mesmo possuído de uma nova vontade de viver, não escapa das garras da morte indecifrável. Os irmãos Joaquim e Alfredo buscam também das mais variadas maneiras um propósito para as suas vidas, e não encontram. Diante das dores da vida, Alfredo realiza percurso inverso ao do filho do deus bíblico, que, verbo (vide o primeiro capítulo do livro de João), se fez carne para estar entre os homens. “E o porco se fez verbo”, porque estando na lama não conseguia vislumbrar uma solução para o seu impasse. Mas ainda que estivesse personificando a ação, Alfredo conseguiu apenas resolver questões superficiais, sendo-lhe inacessível o âmago de sua condição.

Se em “Viver!” a relação entre o cristianismo e os mitos gregos é mais evidente, julgamos que em “Alfredo” tal paralelismo ocorre de maneira menos explícita. Notamos que a postura de Alfredo em subir ao cume da montanha é analogia a um recorrente ato de personagens bíblicas em busca de iluminação espiritual. Foi no alto de uma montanha que Moisés recebeu as tábuas dos mandamentos; foi o cume de um monte o local para onde se dirigiu Jesus algumas vezes, em busca de revelações espirituais.

Uma das passagens bíblicas mais fundamentais, inclusive, é o Sermão da Montanha, que está no livro de Matheus. No Capítulo 5, Jesus, cercado por multidões, subiu ao monte, e, com os discípulos ao seu redor, proferiu um dos mais importantes ensinamentos para o cristianismo. Através de passagens como os versículos 4, 5 e 6 (transcritos aqui na íntegra: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”; “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” e “Bem-

aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”), a religião cristã encontra uma das bases mais fundamentais para justificar a crença em uma vida posterior, plena em felicidade e extirpadora de todos os males.

É também ensinado na passagem que os sofredores serão recompensados de toda a dor e sofrimento, pois atravessaram grandes provações sem perder a fé em Deus, e, portanto, merecem as benesses do reino divino. Mas, em Alfredo, este ato é esvaziado de sentido, pois mesmo retirando-se ao monte as personagens não recebem conforto. A atitude é anulada pois é realizada de maneira vazia. Como é possível a iluminação de seres decaídos, modernos, que já não possuem vínculo com o sagrado?

Alfredo é descrito por seu irmão narrador com as mesmas características apontadas por Jesus para os merecedores do amparo divino: dotado de uma “ternura que emanava dos seus olhos infantis” (RUBIÃO, 2006, p. 21), a personagem transmuda-se em Dromedário, “esperando que beber água o resto da vida seria um ofício menos extenuante” (RUBIÃO, 2006, p. 24). Mas a sede de Alfredo não é saciada, pois a narrativa não permite a interferência metafísica. Dialogando ainda com o existencialismo sartreano, o conto de Murilo Rubião parece afirmar que, numa realidade distante do conforto divino, cabe ao homem definir-se diante do mundo, pois não surgirão respostas exteriores para apaziguá-lo.

As constantes idas e vindas dos irmãos, em movimentos de subida e descida, nos fazem evocar ainda um outro personagem mitológico: Sísifo. A imagem de Sísifo configurou-se numa das metáforas mais aplicadas para demonstrar a condição humana. O mito, amplamente conhecido, trata de um homem que em vida ganhou fama por tentar burlar as regras dos deuses algumas vezes e, morto, foi mandado ao Tártaro. Lá, mostra mais uma vez sua rebeldia, e, como castigo, é condenado a empurrar eternamente uma grande rocha ao topo de uma montanha para que lá despenque, obrigando o infeliz a descer e reiniciar o processo interminável. Um castigo terrível, visto que a condenação foi exatamente a de executar um árduo trabalho, sem sentido ou finalidade aparente.

A literatura moderna em muitos momentos buscou atualizar o mítico, explorando sua força para demonstrar impasses inerentes à condição humana. Seja em Kafka, no Mito de Sísifo de Albert Camus, em Murilo Rubião, e mesmo no sempre atual Machado de Assis, o que há é uma apropriação da linguagem e das imagens

mitológicas para pensar o homem contemporâneo. Uma vez que a mera razão e a exploração do “real” mostraram-se insuficientes, era preciso escavar novamente os terrenos do sagrado em busca de respostas ou exemplos que demonstrassem e tentassem decifrar a condição do homem no mundo.

A própria estrutura de “Alfredo” aponta para a condição humana simbolizada por Sísifo: o conto é iniciado com a seguinte sentença: “Cansado eu vim, cansado eu volto”, e da mesma maneira é finalizado: “Sim. Cansado eu vim, cansado eu volto”. A estrutura cíclica da narrativa aponta para a esterilidade da busca anunciada na epígrafe bíblica do conto. Enquanto Sísifos, condenados, Alfredo e seu irmão precisam empurrar a sua pedra, mesmo que não cheguem a lugar algum.

Outra característica observável em todas as personagens dos contos em questão: Ahasverus, Prometeu, Alfredo e Joaquim são indivíduos solitários, completa ou parcialmente segregados de um convívio social. Tal particularidade é encontrada em quase todas as narrativas de Rubião, ou de Kafka: o ex-mágico, Teleco, ou célebres protagonistas kafkianos como Samsa e os K. estão sempre sós.

Octavio Paz afirma em “A dialética da solidão”, texto publicado no livro *O labirinto da solidão e post-scriptum*, que “a solidão, o sentir-se e saber-se só, desligado do mundo e alheio a si mesmo, separado de si” (PAZ, 1984, p. 175) é sentimento marcante para a humanidade. Neste estudo, Paz declara que os homens estão fundamentalmente sós. Ao chegar e ao abandonar este mundo, estamos sós. Não é dada ao homem a faculdade de escolher ou não a solidão, pois ela simplesmente nos ocorre. Paz salienta que o homem é o único ser capaz de se sentir plenamente a solidão, e que, ao mesmo tempo, é o único que está sempre em busca do outro. De acordo com Paz, “o homem é nostalgia e busca de comunhão” (PAZ, 1984, p. 175). E, nesta lógica, quando “se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão” (PAZ, 1984, p. 175). Paz observa a ruptura que há durante o nascimento de um homem, momento em que os laços de união entre o nascido e o ventre materno são rompidos definitivamente. A partir deste evento, a sensação de desamparo é gradativamente transformada em sentimento de solidão, visto que, efetivamente, não há mais ligação com o cordão umbilical. Estar só é condição fundamental para a vida. Assim:

O sentimento da solidão, nostalgia de um corpo do qual fomos arrancados, é nostalgia de espaço. Segundo uma concepção muito antiga e encontrada em quase todos os povos, este espaço não é senão o centro do mundo, o umbigo do universo. Às vezes, o paraíso se identifica com este lugar e ambos, com o local de origem, mítico ou real, do grupo. Entre os astecas, os mortos regressavam a Mictlán, lugar situado ao norte, de onde tinham emigrado. Quase todos os ritos de fundação, de cidades ou de modas aludem à busca deste centro sagrado do qual fomos expulsos (PAZ, 1984, p. 187).

Paz pondera que durante a vida estamos “condenados a viver sozinhos, mas também estamos condenados a ultrapassar nossa solidão e a refazer os laços que, num passado paradisíaco, nos uniam à vida” (PAZ, 1984, p. 176). O que procura o homem então é suprir uma falta. Conforme sinalizou Octavio Paz, muitos cultos e religiões distintas procuram restituir ao homem uma ligação com a totalidade. Tal é também o empreendimento maior de toda a arte. Este sentimento de solidão a ser superado é tão marcante para a humanidade que, de diversas maneiras, em várias culturas, a religião e os mitos tentam conferir ao homem a possibilidade do retorno ao seio de origem, ao conforto do qual supostamente fomos retirados.

É esta a solidão avassaladora que move as personagens dos contos analisados. Machado de Assis nos apresenta a um Ahasverus que não pode encontrar a redenção daquele que o castigou, pois aqui a transcendência é impossível de ser alcançada. O judeu errante não testemunha o retorno do messias, a humanidade não é redimida. O único encontro que realiza (ou não) é com Prometeu, personagem oriundo de outra matriz mitológica, já decaído e sem heroísmo.

Na cosmogonia helênica o herói altruísta, mesmo consciente dos castigos que Júpiter poderia lhe aplicar, resolve criar o homem e conferir à sua obra todas as possibilidades de desenvolvimento. Prometeu pagou um preço alto por sua insurgência, mas o que seria da humanidade sem o ato de rebeldia? Seu papel é crucial na concepção humana, mas com ele vieram todos os males que acometem a humanidade. O que foi precisamente pontuado pelo Ahasverus machadiano em seu desgosto é que o homem e os males inerentes à sua condição não podem ser dissociados. Também neste aspecto há grande semelhança com o mito cristão de Adão e Eva, e a expulsão de ambos do paraíso. A humanidade não existe sem o sofrimento.

O horizonte do conto machadiano é desolador. Criaturas divinas surgem num panorama moderno, decaído. Neste ambiente precisam, e assim procede Prometeu,

agir com todas as ferramentas que possuem, visando salvar a própria pele. Esta postura cria enorme abismo entre o semideus helênico e as feições atuais que Machado de Assis confere à personagem.

Tanto em “Viver!” como em “Alfredo”, o homem continua no entanto a buscar conforto exterior. Em metamorfoses, ou transferindo a culpa de uma para outra divindade, as personagens não abordam em nenhum momento o problema existencial partindo do próprio Ser. Tudo parece se resumir ao que está além.

Murilo Rubião buscava dialogar de alguma maneira com os valores metafísicos da humanidade, encontrando o material necessário na tradição mitológica mais fundamental ao ocidente. Seus contos, pouquíssimo compreendidos e lidos à época, forneciam um contato entre a tradição e a filosofia, num realismo que precisou do auxílio vagaroso do tempo para conseguir interlocução. A crítica não parece ter percebido que o próprio Rubião indicava a fonte principal de seus traços estéticos: tudo se encontrava, com equivalência impressionante, em Machado de Assis. A história da literatura e da filosofia é repleta de autores, que, como Rubião, precisaram de um certo tempo para serem compreendidos com mais propriedade, como é o caso de Kafka.

Para o bem da arte brasileira, com o passar das décadas, a obra de Rubião foi resgatada do ostracismo, ainda que fatores externos tenham contribuído para a descoberta – a existência de Kafka, Cortázar, Juan Rulfo, por exemplo. Com o advento dos autores do *Boom* entre nós, quase trinta anos depois do início de sua jornada literária, Rubião chega ao grande público. Perfeccionista, o autor de “Teleco, o coelhinho”, publicou apenas trinta e três contos, e ocupava-se mais em reescrever suas obras, durante décadas a fio. Contudo, mesmo exígua, sua contística encontra-se entre as mais relevantes produções do gênero em nosso país.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2 ed. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

ANDRADE, M. de. **Carta enviada a Murilo Rubião**, de 27 de dezembro de 1943. Disponível em: <<http://www.murilorubiao.com.br/correspulario3.aspx>> Acesso em: 19 fev. 2015.

ARRIGUCCI JR, D. O mágico desencantado ou as metamorfoses de Murilo. In: RUBIÃO, M.: **O pirotécnico Zacarias**. São Paulo: Ática, 2000.

ASSIS, M. de. **Várias histórias**. Rio de Janeiro: Jackson, 1959.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

PAZ, O. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PONCE, J. A. de G. Entrevista. In: RUBIÃO, M. **O Pirotécnico Zacarias**. São Paulo: Ática, 2000.

RUBIÃO, M. **O Pirotécnico Zacarias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **A Casa do Girassol Vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARTZ, J. **Murilo Rubião: a poética do uroboro**. São Paulo: Ática, 1981.

_____. Murilo Rubião: um clássico do conto fantástico. In: RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em 19 de julho de 2016
Aceito em 14 de dezembro de 2016